

RACISMO, ÓDIO DE CLASSE E FEMINISMO NEGRO EM PAUTA: a HQ “Confinada” e os embates étnico-raciais e de gênero do Brasil contemporâneo no período da COVID-19

Candidata: Mariana Aparecida Pimentel Galindo¹

Orientador: Prof. Fábio da Silva Sousa

Resumo: O racismo, percebido desde a sua dimensão estrutural, é um grave fenômeno social que, sendo objeto de pesquisa dos mais variados campos de conhecimento, fomenta um complexo debate. O racismo praticado contra mulheres pretas nativas das periferias do capitalismo, como a América Latina, parece exprimir-se com um grau ainda mais elevado de perversidade, associando-se à discriminação de gênero e classe (Gonzales, 2020). A partir da história em quadrinhos (HQ) *Confinada* (2021), de Triscila Oliveira e Leandro Assis, o presente trabalho busca analisar fundamentalmente as relações de raça expressas na obra, percorrendo brevemente sobre questões de gênero e classe.

Palavras-chave: Racismo Estrutural. Gênero. Confinada.

Abstract: Racism, perceived from its structural dimension, is a serious social phenomenon that, being the object of research in the most varied fields of knowledge, encourages a complex debate. The racism practiced against black women native to the peripheries of capitalism, such as Latin America, seems to be expressed with an even higher degree of perversity, associated with gender and class discrimination (Gonzales, 2020). Based on the comic book *Confinada* (2021), by Triscila Oliveira and Leandro Assis, this work seeks to fundamentally analyze the race relations expressed in the work, briefly covering issues of gender and class.

Keywords: Structural Racism. Gender. Confined.

Introdução

Aspirar compreender detidamente os conflitos e fenômenos sociais inerentes à vida social contemporânea no Brasil manifesta-se como uma preocupação inevitável quando alcançamos a fase adulta e nos tornamos sujeitas(os) críticas(os).

Isto posto, identificando-me como mulher, mestiça, oriunda das classes subalternas, considero muitas causas caras. Dessa forma, entender as circunstâncias que levaram à formação patriarcal, racista, LGBTfóbica e desigual da sociedade brasileira sempre foi uma imensa fonte de inquietação.

O racismo, em específico, é um grave fenômeno social que, sendo objeto de pesquisa dos mais variados campos de conhecimento, fomenta um complexo

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Nova Andradina/CPNA.

debate. No entanto, a temática racial não se restringe aos muros da academia, discutida somente nos círculos constituídos no interior das instituições de ensino superior, por teóricas (os) e intelectuais: caracteriza-se como um fenômeno debatido há tempos, passando, há poucas décadas, a ser criticado, denunciado, problematizado, ainda que de maneira consciente ou inconsciente, cotidianamente nas ruas, nos supermercados, nos programas de televisão, nas redes sociais, nas casas.

Dados da *StatCounter*, empresa responsável por analisar o tráfego digital, mostram que, entre os anos de 2019 e 2022, as pesquisas online referentes à expressão “racismo estrutural” cresceram mais de 1.400% no Brasil (Mazzei, 2022). Em outros termos, uma parcela significativa da população brasileira busca cada vez mais informações sobre o tema.

Os meus familiares nunca abordaram a questão étnico-racial explícita e conscientemente no decorrer da minha infância. No entanto, eles sabiam muito bem do que se tratava. Melhor dizendo, ela, a minha mãe, sabia, sentia, sofria. Como mulher, preta e exercendo a função de trabalhadora doméstica durante boa parte da vida, os casos de racismo, preconceito e discriminação racial dos quais foi — e continua sendo — vítima não são raros, ao contrário, frequentes.

O racismo praticado contra mulheres pretas nativas das periferias do capitalismo, como a América Latina, parece exprimir-se com um grau ainda mais elevado de perversidade; isto é, essas sujeitas são submetidas a uma violência multifacetada, uma vez que sofrem, de antemão, a discriminação racial, a discriminação sexual e, na maioria dos casos, uma exploração de classe (Gonzales, 2020).

Nesse sentido, as macros e microagressões raciais, perpetradas especialmente contra mulheres pretas no contexto do trabalho doméstico, contribuem para compreendermos o modo como o complexo de inferioridade associado à cor da pele é incutido nas populações pretas (Fanon, 2020).

A minha mãe, uma mulher que recentemente se descobriu preta, foi explorada durante décadas, inclusive ao longo de toda sua infância e adolescência, cumpria, como babá e funcionária doméstica, uma jornada laboral de 12 a 14 horas. Contando sobre sua experiência, expôs o fato de se sentir inferior às patroas

brancas: financeiramente — uma vez que as empregadoras eram proprietárias de mercados, farmácias, lojas de calçados e confecções, entre outros — e intelectualmente, visto que algumas dessas mulheres possuíam formação em nível superior.

Três empregadores ficaram marcados na memória da minha mãe: a patroa branca que escondia cabos para que ela não pudesse ver televisão; o filho da patroa branca, hoje um político influente na cidade, que proferia contra ela toda classe de ofensas racistas; e a patroa branca que deixava bilhetinhos com “instruções” para a realização das tarefas.

Esses bilhetes, em particular, foram interpretados, em suas palavras, como “uma arrogância”, um “jeito de mostrar quem manda”; isto é, um mecanismo de demonstração de hierarquia e poder (Angelin, Truzzi, *apud* Brites, 2007, p. 72), pois a patroa, parafraseando Fanon (2020, p. 66), como boa branca, deixava instruções.

O “Confinada” (2021), de Triscila Oliveira e Leandro Assis, originalmente, é uma história em quadrinhos veiculada no decorrer do ano de 2021, auge da pandemia de COVID-19, por intermédio de uma plataforma de mídia social, o “Instagram”. No entanto, o meu contato com a obra, que imediatamente revela sua singularidade arrebatadora, deu-se somente a partir do ano de 2022, quando apresentada pelo Prof. Dr. orientador Fábio Sousa, tornando-se a principal fonte para esta pesquisa.

Em suma, da mesma forma que em “Confinada” (2021) somos capazes de traçar muitos paralelos entre Madá, trabalhadora doméstica preta da família da Fran Clemente, e Ju, trabalhadora doméstica preta da própria Fran, consigo, em alguns aspectos, enxergar a minha mãe na Ju, a personagem principal.

Portanto, diante do exposto, esse trabalho desenvolve-se como uma produção demasiadamente importante, dado que urge refletirmos e debatermos por que o racismo se manifesta de modo estrutural em um país de maioria preta; por que as mulheres pretas são vítimas de uma violência de natureza tripla; por que o Confinada (2021), embora obra de ficção, lamentavelmente apresenta-se como um retrato “perfeito” de nossa realidade concreta e social.

Este artigo tem como objetivo analisar fundamentalmente as relações de raça expressas em “Confinada” (2021), percorrendo brevemente sobre questões de gênero e classe.

Pretendemos, primordialmente, enfatizar, recorrendo ao pensamento de Silvio Almeida (2021), a questão do racismo estrutural, fenômeno que atravessa a vida social contemporânea brasileira e global, problematizando as distintas categorias relacionadas àquela e as concepções constituídas acerca da noção de racismo.

Serão consideradas as contribuições de Franz Fanon (2020, p. 27) acerca da subjetividade da questão negra, para quem uma das expressões do racismo consiste na “interiorização” de uma inferioridade, que é incutida nas populações pretas pela “civilização branca”.

Por fim, realizaremos a análise da fonte, a Hq “Confinada” (2021), que, de acordo com os autores, Triscila Oliveira e Leandro Assis, mescla uma linguagem de crítica social, drama e denúncia do nosso quadro social, centralizando a problemática do racismo estrutural e toda sua perversidade.

“Confinada” (2021) foi selecionada para a pesquisa, em primeiro lugar, por apresentar uma perspectiva interseccional, abordando as problemáticas de raça, gênero e classe de modo único, pois estas questões foram consideradas em um contexto atípico propiciado pela recente pandemia de coronavírus; em segundo lugar, por permitir a reflexão acerca das vivências da Ju e de milhões de mulheres pretas e trabalhadoras domésticas reais, como a minha mãe, que puderam se reconhecer na personagem fictícia.

O racismo como um mal estrutural

Silvio Almeida (2021) apresenta três categorias que se relacionam à noção de raça, mas que são distintas e se expressam de maneira incisiva e perversa cotidianamente na sociedade brasileira: racismo, preconceito racial e discriminação racial.

O racismo é um fenômeno complexo, portanto, não remete a um único ato, mas a um processo. Fundamentado na noção de raça, consiste numa forma *sistemática* de discriminação e pode se manifestar através de ações conscientes ou

inconscientes, o que não o torna mais ameno, visto que ambas acarretam desvantagens para uns e privilégios para outros (Almeida, 2021).

A título de exemplo, em 31 de março de 2023, a deputada estadual Thainara Faria (PT/SP) denunciou o racismo sofrido na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp).² Na ocasião, uma servidora pública tentou impedi-la de assinar um livro de presença após uma solenidade, presumindo, segundo ela, que uma mulher negra utilizando penteado afro não fosse parlamentar. De acordo com a petista, não foi um mal-entendido ou um ato isolado, já que a “confundiram” e julgaram que o seu assessor, homem branco, fosse o deputado dezenas de vezes, inclusive em sua cerimônia de posse. Faria é cotidiana e sistematicamente vítima de racismo, que se materializa como discriminação racial, em um espaço que deveria ser democrático.

Desenvolver, a partir de estereótipos, uma preconceção, geralmente perniciosa, a respeito de sujeitos pertencentes a grupos racializados, é o que chamamos de preconceito racial (Almeida, 2021). O rapper Mano Brown, do grupo *Racionais Mc's*, teceu comentários a respeito de um episódio de preconceito racial do qual foi vítima. Um influenciador, conhecido como “Fred Desimpedidos”, durante entrevista, descreveu o cantor como um homem violento e perigoso. Brown rebateu, afirmando que as declarações do *youtuber*, ao fazer julgamento estereotipado acerca de “um cara preto ou um cara pardo”, alimentam o racismo.³

Por último, a discriminação racial, mecanismo que possibilita, de fato, a materialização do racismo (Almeida, 2021), seria, em virtude de raça/etnia, oferecer tratamento distinto e desigual.

Almeida (2021) defende, como tese central, que o racismo é sempre estrutural, porém, aborda outras duas concepções acerca do fenômeno: o racismo individual e o institucional. A interpretação do racismo como um fenômeno que se expressa de maneira individual não admite a existência de instituições ou sociedades racistas, somente de indivíduos racistas. A manifestação do racismo é

2

<https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/03/31/video-deputada-thainara-faria-afirma-que-foi-vitima-de-racismo-na-alesp-nao-e-mal-entendido.ghtml>. Acesso em 04 de jun. de 2024.

3

<https://gg.globo.com/cultura/tv-streaming/noticia/2023/03/bbb23-fred-desimpedidos-mano-brown-treta.ghtml>. Acesso em 04 de jun. de 2024.

vista como um aspecto comportamental, fruto de uma patologia, logo, essa perspectiva não considera seu caráter político (Almeida, 2021, p. 36).

Ademais, divergindo de Fanon (2020), para quem o racismo é produto de uma psicologia desumana e é praticado por indivíduos que se comportam patologicamente, Almeida (2021, p. 21) não acredita que o racismo seja uma patologia, mas uma manifestação da sociedade, pois “fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência”.

De acordo com a perspectiva institucional, que é mais abrangente que a individualista, o racismo é fruto do funcionamento das instituições, que, baseando-se na raça, operam de maneira a atribuir privilégios ou desvantagens (Almeida, 2021, p. 37).

Segundo essa noção, os conflitos raciais integram as instituições; assim, a desigualdade racial é uma característica das sociedades. Desconsidera-se a ideia de que o racismo se resume a práticas isoladas de grupos ou de indivíduos e sustenta que “as instituições são homogeneizadas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos” (Almeida, 2021, p. 40).

Nesse sentido, o poder é tratado como elemento central das relações raciais, portanto, o racismo é uma forma de dominação. Quem monopoliza o poder são os grupos que, majoritariamente formados por homens brancos, dominam a organização político-econômica da sociedade (Almeida, 2021).

A manutenção do poder depende da capacidade que os dominantes têm de institucionalizarem e naturalizarem o seu domínio, assim, uma das estratégias é estabelecer parâmetros raciais discriminatórios e produzir consensos, atendendo algumas reivindicações dos grupos subalternizados para se manterem na condução da economia e da política (Almeida, 2021, p. 40).

O programa de trainee exclusivo para pessoas pretas apresentado pela varejista Magazine Luiza, objetivando o cumprimento da “meta de diversidade”, e o pacote de ações antirracistas desenvolvido pelo hipermercado Carrefour, instituição reincidente na perpetração de práticas discriminatórias contra minorias, são exemplos das estratégias adotadas pelas instituições para absorver as contradições e atenuar os conflitos.

A percepção do racismo como um fenômeno estrutural é considerada a mais satisfatória, assim, Almeida (2021) o define como *sempre* estrutural, ainda que as demais concepções possuam dimensões específicas.

Para além de ser reproduzido de maneira individual ou pelo conjunto de instituições, o racismo expande seus tentáculos para *todos* os aspectos e estruturas da vida social contemporânea brasileira e global.

Dessa forma, Almeida (2021), realizando, sobretudo, uma análise objetiva e teórica acerca do racismo, mostra-nos como ele é uma parte intrínseca da estrutura social, incidindo de modo concreto nas esferas política, econômica, jurídica, etc., e, conseqüentemente, produzindo desigualdades políticas, econômicas, jurídicas — e até afetivas.

À vista disso, o racismo, como “estruturante das relações sociais e da formação dos sujeitos”, atua como fator importante na constituição de subjetividades (Almeida, 2021), causando grave impacto na existência das pessoas pretas, no modo como se posicionam diante do outro — em relação ao sujeito branco e à *branquitude*⁴.

Tomamos as contribuições do psiquiatra e filósofo Frantz Fanon (2020) para pensar a questão da subjetividade negra, presente nas análises de “Confinada” (2021).

“Confinada”: racismo, questões de gênero e ódio de classe

No universo de “Confinada” (2021), além de Ju, a personagem principal, destacam-se outras mulheres pretas, como Madá, Bené e Isaura, igualmente trabalhadoras domésticas, e Daiane, estudante de direito. Analisemos as trajetórias de algumas delas.

Ju é uma mulher preta, mãe solo, periférica e ocupa a faixa etária entre os 30 e 35 anos. Trabalhadora doméstica, ela se viu, em prol do sustento da família, obrigada a permanecer em quarentena junto de Fran Clemente, sua patroa branca, durante a pandemia de COVID-19 no Brasil.

⁴ Posição em que os sujeitos que a ocupam foram e são sistematicamente privilegiados quanto ao acesso a recursos materiais e simbólicos, produzidos pelo colonialismo e pelo imperialismo, preservados na contemporaneidade (Almeida, 2021, p. 75).

Fran Clemente é uma mulher branca, alienada, orgulhosa de sua ancestralidade europeia, cristã, influenciadora digital, pertencente às classes dominantes brasileiras e ocupa a faixa etária entre os 30 e 35 anos. Assim como a maioria das pessoas de sua família e de seu círculo social, Fran é racista e classista. Ao permanecer em quarentena junto de Ju, funcionária doméstica, sua crueldade e ódio por pretos e pobres tornam-se cada vez mais escancarados.

Sabe-se que os movimentos negros e antirracistas são fenômenos relativamente recentes. Podemos observar que está em curso uma mudança em relação ao posicionamento das(os) negras(os) no mundo, de como elas(es) se enxergam nas sociedades moldadas a favor dos brancos(as), dos seus posicionamentos diante desses brancos(as); no sentido da conscientização de sua raça, do orgulho em ser negra(o), da luta por direitos civis — e pela manutenção destes — e representatividade.

Sendo assim, Ju se insere em uma contemporaneidade que inegavelmente fornece mais recursos para a conscientização ou desalienação racial do que há quatro ou cinco décadas. Temas como racismo e antirracismo, hoje, estão cotidianamente em pauta, são amplamente debatidos.

À vista disto, a protagonista da Hq possui forte senso crítico, é consciente de sua raça e de sua condição enquanto mulher preta. Ju, ao longo da história em quadrinhos, empodera-se cada vez mais.

A personagem principal de “Confinada” (2021) não é apenas uma vítima, uma mulher que está submetida, desde o seu nascimento, às violências de raça, gênero e classe. Ju, como defendem os autores, é também uma sujeita que “assume o protagonismo da própria história e busca mudar a sua realidade” e a dos seus.

Diante do racismo e do ódio de classe diariamente perpetrados por Fran, a patroa branca e rica, Ju adota uma postura de resistência e jamais aceita ser a “preta que serve sorrindo”.

As tirinhas das páginas 34, 86-87 e 108-110 de “Confinada” (2021) elucidam essa problemática. Na página 34, Fran Clemente, em meio a uma pandemia, tenta convencer Ju a gravar vídeos de danças para publicar nas redes sociais. Fingindo ser amiga, vendendo a imagem de patroa que trata sua funcionária como alguém *quase* da família, a influenciadora digital pretende melhorar a própria imagem,

ganhar seguidores, engajamento e dinheiro; portanto, se enfurece quando a trabalhadora ousa dizer “não”:

Os negros, escreveu um antropólogo (Gorer), são mantidos em sua atitude obsequiosa por meio das sanções extremas do medo e da força, e isso é bem sabido tanto pelos brancos como pelos negros. Mesmo assim, os brancos exigem que os negros se mostrem sorridentes, diligentes e amigáveis em todas as suas relações com eles (Gorer *apud*. Fanon, 2020, p.65).



Figura 1: Ju confronta Fran
Fonte: Confinada (2021, p. 34)

Isto posto, se as(os) negras(os) não se mostrarem subservientes e submissas(os), são tidas(os), tal e qual retratado em “Confinada” (2021), como “metida”, “abusada”, “nariz em pé”, “ingrata”, “neguinha arrogante”. Para a branquitude, a (o) negra (o) deve — obrigatoriamente — ser humilde, não tem o direito de contestar.

No entanto, embora conscientes e orgulhosas de sua raça, ainda que sejam militantes de movimentos negros, de movimentos de feminismos negros, pessoas negras — obviamente — continuam sofrendo racismo. Enfrentando um processo de extrema desumanização e reagindo ao racismo de distintas maneiras, as vítimas têm suas identidades e subjetividades feridas.



Figura 2: Ju sofre discriminação racial
Fonte: Confinada (2021, p. 49)

As tirinhas da página 49 de “Confinada” (2021) ilustram a questão. Ju, ao passear pela orla da praia portando sua câmera fotográfica, é acusada de furto por uma família branca, agredida por um policial negro e, como consequência, desiste de participar de um concurso de fotografia.

Ao receber um tratamento distinto e desigual exclusivamente por ser uma mulher preta e pobre, inclusive sendo vitimada pelo uso de força policial, a trabalhadora doméstica sofreu o que Almeida (2021) define especificamente como discriminação racial, que é a materialização do racismo.

Além disso, abstendo-se abruptamente de participar do concurso de fotografia, a personagem experimenta o que a psicologia social chama de “ameaça do estereótipo” (Almeida, 2021).

Em suma, a “ameaça do estereótipo” faz com que um indivíduo pertencente a um grupo minoritário tenha sua expectativa, autoestima e comportamento geral afetados de forma negativa; ou seja, eles internalizam os estereótipos estabelecidos pela sociedade sobre seu próprio desempenho (Steele, Aronson, 1995 *apud* Almeida, 2021).

Desencorajada pela possibilidade de ser julgada a partir dos estereótipos pejorativos concebidos acerca de sua raça, gênero e classe, é provável que Ju não tenha conseguido enxergar a viabilidade de vencer o concurso. Assim, a trabalhadora doméstica abdica até mesmo de sua participação. Quantas pessoas pretas desistem de participar de concursos, prestar vestibulares, candidatar-se a uma vaga em determinada empresa apenas por serem pretas?

Por último, a referida tirinha ainda traz à tona outras questões importantes, como a opressão policial, principalmente direcionada a sujeitas(os) negras(os), e o racismo cometido por um homem preto contra uma mulher preta.

Não é novidade que a polícia no Brasil, como instituição, é racista. Mas o que nos interessa ressaltar é o racismo de um homem preto para com uma mulher preta. Infelizmente, ocorrências do tipo não são muito raras no país:

Pessoas negras, portanto, podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas. Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem. Somente a reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer um indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista. Se boa parte da sociedade vê o negro como suspeito, se o negro aparece na TV como suspeito, se poucos elementos fazem crer que negros sejam outra coisa a não ser suspeitos, é de se esperar que pessoas negras também achem negros suspeitos, especialmente quando fazem parte de instituições estatais encarregadas da repressão, como é o caso dos policiais negros (Almeida, 2021, p.68).

Destaquemos outra personagem preta de “Confinada” (2021): a trabalhadora doméstica que atua na casa da prima paulista do pai da Fran. Sendo uma

personagem presente apenas em uma tirinha e sem nome na Hq, optamos por chamá-la de “Odara”.

Se a Ju, no tempo presente, representa uma transformação do modo como as(os) negras(os) posicionam-se diante de si mesmas(os) e diante do mundo branco, “Odara”, trabalhadora doméstica da família paulista da Fran no começo dos anos 1990, parecia não ter consciência de sua raça nem de sua condição enquanto mulher preta.

Na tirinha da página 77 de “Confinada” (2021), “Odara” é apresentada como uma trabalhadora doméstica que tomou banho de água sanitária, e que, por isso, passa a ser ainda mais bestializada por seus patrões brancos.

A atitude da personagem realmente pode ser interpretada como fruto de um profundo desejo de embranquecer, de não querer ser tratada como negra. É uma ação consciente? Todo negro quer ser branco? A “culpa” é dela?

“Odara” toma banho de água sanitária por ser violentamente afetada pelo que Frantz Fanon (2020) chamou de “complexo de inferioridade”, que atinge a(o) sujeita(o) colonizada(o), especialmente a(o) sujeita(o) racializada(o).

Para Fanon (2020), o “complexo de inferioridade” é produto tanto de um processo econômico quanto de um processo de interiorização/epidermização dessa inferioridade, que seria concebida, cultivada e introjetada pelas(os) brancas(os).

De acordo com os escritos anticoloniais e antirracistas do psiquiatra martinicano, o processo de interiorização/epidermização dessa inferioridade ocorre no interior de sociedades colonizadas, como o Brasil, gerando um quadro de alienação colonial.

Assim, indivíduos colonizados e racializados, ao experimentarem o racismo, sofrem um trauma psíquico, inserem-se em um quadro de doença psíquica. Isto é, a experiência do racismo provoca intenso e profundo sofrimento psíquico.

À vista disso, a(o) negra(o) também quer ser branca(o) (Fanon, 2020). A(o) sujeita(o) racializada (o), em uma sociedade historicamente colonizada, fundada a partir do racismo e da escravidão, não é considerada(o) digna(o) de existência, tem a sua humanidade questionada, é discriminada(o) e subalternizada(o) pelas(os) brancas(os), dessa forma, não quer ser negra(o) (Fanon, 2020).

Diante da alienação colonial, a(o) negra(o), para existir e *quase* ser reconhecida(o) como humana(o), é obrigada(o) a vestir as máscaras brancas, que seriam os mecanismos de embranquecimento (Souto, 2020), como adotar a linguagem do colonizador, casar-se com um homem branco, casar-se com uma mulher branca (Fanon, 2020), alisar o cabelo, afinar o nariz, tomar banho de água sanitária, entre muitos outros.



Figura 3: Odara vestindo máscaras brancas
 Fonte: Confinada (2021, p. 77)

Examinemos, por último, Daiane, mulher preta que é apresentada, a princípio (no ano de 2009), como estudante de direito, uma sujeita que, diferente da mãe, teve a oportunidade de exercer o seu direito de acesso ao ensino superior — muito provavelmente — graças às políticas de ação afirmativa.

Daiane é filha de Madalena, que trabalhava como doméstica na casa dos pais da Fran no começo dos anos 1990, e ocupa a faixa etária entre os 30-35 anos, a mesma da influenciadora digital.

A advogada, que chegou a frequentar a casa dos patrões da mãe em algumas ocasiões durante a adolescência, experimentou, da mesma forma, o racismo e o ódio de classe perpetrados pela família Clemente e seu círculo social.

Filha de trabalhadora doméstica tem que se tornar trabalhadora doméstica? Algumas personagens de “Confinada” (2021, p. 110), como Ju, esboçam essa dúvida no decorrer do desenvolvimento da narrativa. É mais do que uma simples interrogação, é uma preocupação das mães, mulheres pretas, em relação ao futuro das filhas.

Nesse sentido, a advogada Daiane representa uma simbólica e importante ruptura do ciclo familiar de trabalho doméstico, que persegue mulheres pretas brasileiras desde a abolição formal da escravatura.

Como esperado, essa ruptura causa grande incômodo, principalmente nos detentores do poder político, nos representantes das elites econômicas e privilegiadas do Brasil, retratados na figura de Fran Clemente.

A influenciadora digital, sem se preocupar em dissimular seu racismo e ódio de classe, fica profundamente enojada ao encontrar Daiane no aeroporto e descobrir que a — até então, estudante de direito — não estava naquele estabelecimento para servi-la, mas retornava da mesma viagem internacional que ela (Confinada, 2021, p. 80).



Figura 4: racismo e ódio de classe andam de mãos dadas
 Fonte: Confinada (2021, p. 80)

Em um país no qual o “trabalho doméstico parece hereditário para mulheres negras” (Silva, 2019), a advogada seguiu “contrariando as estatísticas”⁵. A mãe, Madalena, foi trabalhadora doméstica, mas a filha, Daiane, não precisa ser.

Considerações parciais

Por que o Brasil ainda é um país profundamente racista quando a maior parte da sua população se identifica como parda ou preta? Por que o Brasil ainda é um país profundamente misógino quando a maior parte da sua população se identifica como mulher? E mais uma centena de “por quês”.

A sociedade brasileira é fundada e alicerçada na exploração e escravização de pessoas, sejam elas pretas ou indígenas, práticas que se mantiveram por quase

⁵ “Capítulo 4 Versículo 3”, Racionais MC’s.

quatro séculos, reverberando-se em fenômenos sociais complexos, como o racismo estrutural. A partir da violação de mulheres pretas e indígenas, nasceram muitos dos “brasileiros”, o que demonstra o caráter patriarcal — machista e misógino — tanto do Brasil Colônia quanto do Brasil Contemporâneo.

O racismo parece atingir mulheres pretas nativas das periferias do capitalismo, como a América Latina, de forma ainda mais brutal, uma vez que se associa com a misoginia, o sexismo e, muitas vezes, com a exploração de classe (Gonzales, 2020). O próprio Fanon (2020), referência para esse texto, ao jogar mulheres pretas em um espaço de ausência (Kilomba, 2020), contribuiu para a manutenção da problemática. Quando seus trabalhos são analisados pelo psiquiatra, mulheres pretas, como Mayotte Capécia, recebem tratamento misógino.

Experimentando uma violência multifacetada no decorrer de suas vidas, mulheres pretas podem ser representadas por Ju, personagem principal de “Confinada” (2021), que é caracterizada como uma mulher inteligente, resoluta, bem-posicionada, fugindo de estereótipos que constantemente as reduzem a vítimas, sofredoras e batalhadoras.

A sociedade brasileira, em um contexto atípico, como o representado pela pandemia de COVID-19, mostrou que pode ser ainda mais perversa, discriminatória e desigual. Nesse sentido, o “Confinada” (2021), de Triscila Oliveira e Leandro Assis, ainda que seja um produto de ficção, apresenta-se como um retrato de nossa realidade social “nua e crua”.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2021.

ANGELIN, Paulo Eduardo; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Patroas e adolescentes trabalhadoras domésticas: relações de trabalho, gênero e classes sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 89, p. 63–76, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/kDKcWHN8WB6tbyZ7vrJ8BLm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. **Confinada**. São Paulo: Todavia, 2021.

FRANTZ, Fanon. **Pele Negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; Prefácio de Grada Kilomba; Posfácio de Deivison Faustino; Textos Complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

RIOS, Flavia y Marcia LIMA (orgs.) (2020). Lélia Gonzalez. **Por um feminismo afro-latinoamericano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar. (376 pp.)

MAZZEI, Beatriz. Por que as pesquisas online por racismo estrutural explodiram no Brasil? **UOL**, 2022. Disponível em: [https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/07/03/por-que-a-busca-por-racimo-estrutural-explodiu-no-brasil.htm](https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/07/03/por-que-a-busca-por-racismo-estrutural-explodiu-no-brasil.htm). Acesso em: 26 nov. 2024.

MARIN, Ana. **VÍDEO: deputada Thainara Faria afirma que foi vítima de racismo na Alesp: 'não é mal entendido'**. **G1: São Carlos e Araraquara**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/03/31/video-deputada-thainara-faria-afirma-que-foi-vitima-de-racismo-na-alesp-nao-e-mal-entendido.ghtml>. Acesso em 04 jun. 2024.

MESQUITA, Lígia. **BBB23: Relembre a treta de Fred Desimpedidos com Mano Brown. GQ: Tv e Streaming**, 2023. Disponível em: <https://gq.globo.com/cultura/tv-streaming/noticia/2023/03/bbb23-fred-desimpedidos-mano-brown-treta.ghtml>. Acesso em 04 jun. 2024.

PEREIRA, Pedro P. S.; SIMÕES, Kleber G. L. **Capítulo 4, versículo 3**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica Ltda, 1997. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/66643/>. Acesso em 26 nov. 2024.

SILVA, Vitória R. da. “**O trabalho doméstico é hereditário para as mulheres pretas**”. **Gênero e Número**, 2019. Disponível em: <https://www.generonumero.media/entrevistas/entrevista-o-trabalho-domestico-e-hereditario-para-as-mulheres-pretas-diz-pretas-raras/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SOUTO, Caio. Pele negra, máscaras brancas: alienação colonial em Frantz Fanon: Entrevista com Thiago Florencio. YouTube, 2 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0tIQMaGKAHI>. Acesso em: 28 mai. 2024.